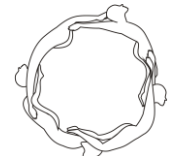




III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

NOITES BAIANAS: UM ENCONTRO ENTRE A ARTE DE REPRESENTAR E A (IN)CAPACIDADE DE SUBVERTER AS NORMAS DE SEXUALIDADE E DOS GÊNEROS

Claudenilson Dias¹

Resumo: O texto apresenta reflexões realizadas através de fragmentos de seis peças teatrais que estiveram em cartaz na cidade de Salvador nos últimos oito anos (2003 a 2010). O objetivo principal é verificar em que medida as representações das personagens não heterossexuais destas peças subvertem as normas de gênero e de sexualidade. Como se portam esses personagens? Como se trajam? Como se relacionam entre si? Quais são as suas características principais e mais marcantes? Reforçam ou questionam a heterossexualidade compulsória e a heteronormatividade? Para realizar a análise, utilizamos alguns aspectos dos estudos *queer*, além de periódicos que tratam das questões culturais a fim de dar conta de novas configurações da sexualidade e dos gêneros, bem como de suas performatividades de sexualidade e dos gêneros.

Palavras-chave: estudos *queer*, teatro baiano, sexualidade, gênero.

"Mas eu desconfio que a única pessoa livre, realmente livre, é aquela que não tem medo do ridículo".

Luiz Fernando Veríssimo

Conhecendo a noite do teatro baiano

O presente texto realiza uma reflexão panorâmica sobre a representação de algumas personagens não heterossexuais presentes em seis peças teatrais baianas que estiveram em cartaz em Salvador entre os anos de 2003 a 2010. A pesquisa, além de refletir sobre as representações, pretende pensar em estratégias políticas de respeito à diversidade sexual através dos produtos culturais. Para este desafio, utilizarei alguns

¹ Claudenilson Dias é graduando do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal da Bahia. Integrante do Grupo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade – CUS (UFBA) e bolsista do Programa Permanecer da UFBA. diasghp@gmail.com



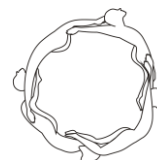
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DA BAHIA

III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013

Universidade do Estado da Bahia – Campus I

Salvador - BA



GRUPO ENLACE

postulados dos estudos *queer*² e aspectos de uma metodologia concebida no interior do grupo de pesquisa em Cultura e Sexualidade ver (COLLING, 2008). O percurso da análise desenvolve-se de modo a construir os perfis sociais de cada personagem e seus contextos dentro das narrativas, percebendo suas nuances através da teatralidade dos discursos. Vale lembrar que a metodologia empregada na análise é fruto de trabalho do grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS/CULT-UFBA) e parte do pressuposto de que as personagens são definidas por suas condutas individuais e coletivas, ainda que levadas por efeitos sociais externos, embora seja importante a arte como processo de identificação do sujeito nas suas práticas sociais. Entre as características metodológicas, estão as informações técnicas de cada peça (direção, autoria, personagens principais ligados com a temática, resumo do enredo), as características fixas das personagens (posição da personagem no enredo, posição social, cor, profissão) além de aspectos voltados para a linguagem utilizada e a composição da personagem. O objetivo será o de verificar em que medida esses personagens subvertem ou não as normas da sexualidade e dos gêneros, em especial no tocante à heterossexualidade compulsória e a heteronormatividade, que serão explicados a seguir. A pesquisa do CUS sobre a análise de telenovelas exibidas pela Rede Globo, apontou, entre outras coisas, que existiram, ao longo da história desses produtos, três grande modelos de representações dos personagens não heterossexuais: criminosos, afetados e heterossexualizados (COLLING, 2008). E nesse sentido, nos perguntamos: e as peças teatrais baianas repetem esses modelos ou criam outras possibilidades?

Alguns conceitos centrais

A subversão das normas da sexualidade e dos gêneros nos palcos brasileiros não é uma novidade. Na década de 70, por exemplo, segundo Trevisan (2000), a ambiguidade sexual, utilizada por artistas como Ney Matogrosso e a sua trupe musical Secos e Molhados e o grupo Dzi Croquetes, impulsionou uma gama de novas aparições no campo das artes com performances no mínimo diferentes. Como afirma Louro

² Teoria pós-identitária organizada a partir dos movimentos feministas e gays em meados da década de 80 com a perspectiva de problematizar a “essência biológica”, já que as ‘identidades’ se permitem existir por meio da cultura. Para mais informações sobre a teoria ver “Mais Definições em Trânsito” – Teoria *Queer* de Leandro Colling disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>

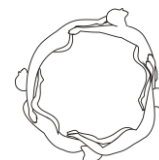


III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013

Universidade do Estado da Bahia – Campus I

Salvador - BA



GRUPO ENLACE

(2004), é necessária certa dose de subversão para, dentre outros meios, garantir que a voz dos excluídos seja ouvida em alto e bom som. Nas palavras da autora:

Quem subverte e desafia a fronteira apela, por vezes, para o exagero e para a ironia, a fim de tornar evidente a arbitrariedade das divisões, dos limites e das separações. Por isso, a paródia que arremeda os “nativos” do “outro” lado, que embaralha seus códigos com os “desse lado”, que mistura e confunde as regras, que combina e distorce as linguagens é tão perturbadora. Ela se compraz da ambigüidade, da confusão, da mixagem.³

Os estudos *queer* destacam que a cultura é um elemento central para a nomeação dos corpos. Por isso, através dos produtos culturais, é possível resignificar os discursos e conceitos construídos hegemonicamente, buscando desfazer os papéis constituídos numa lógica binária e normativa. Para Butler (1990), os “gêneros inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência entre sexo, gênero, desejo e prática sexual. Logo, os sujeitos (e no caso das personagens aqui analisadas) que não seguem essa linha coerente, exigida socialmente, estarão certamente relegados a um “papel marginal”.

Seguindo uma linha de pensamento butleriano, a socióloga Nádía Pino (2007) elucida dúvidas acerca de termos chave para a compreensão da teoria *queer*, bem como enfatiza a operação do sistema binário de representação sobre *formas desviantes* de sexualidade. Pino (2007) afirma que a heteronormatividade é o enquadramento de todas as relações – mesmo as supostamente inaceitáveis entre pessoas do mesmo sexo – em um binarismo de gênero que organiza suas subjetividades, práticas, atos e desejos a partir de um modelo idealizado que associa a genitália ao gênero (pênis-homem, vagina-mulher) do casal heterossexual reprodutivo. Já a heterossexualidade compulsória, segundo a autora, é a obrigação social de, além de enquadrar-se na referida linha coerente entre gênero e materialidade do corpo, se relacionar amorosa e sexualmente com pessoas do sexo oposto. Logo, pode-se pensar esses conceitos como dados de uma cultura ocidental voltada, ainda, para as referências médico-biológicas, que obedecem a padrões estabelecidos, sem observar que as noções de gênero são construções socioculturais e discursivas e, passíveis de mudanças e escapes de um modelo binário e excludente. O termo *queer* pode ser traduzido como esquisito, diferente, dentre outros

³ LOURO, Guacira Lopes (org.). Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004 p 20.

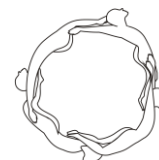


III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013

Universidade do Estado da Bahia – Campus I

Salvador - BA



GRUPO ENLACE

adjetivos. E em boa medida, muito de diferente vê-se nestas personagens, que em geral, não pertencem aos comerciais de margarina, mas em alguns momentos reproduzem as lógicas hegemônicas, ainda que não percebam.

As peças

Produtos culturais como “As Lágrimas Amargas de Petra von Kant” (2003), “O Paí Ó” (2007), “Guilda” (2007), “Shopping & Fucking” (2007), “Pólvora e Poesia” (2010) e “O Melhor do Homem” (2010) denotam uma discussão acerca da sexualidade e dos gêneros, além de possibilitar uma visão crítica sobre as próprias obras em si. As homossexualidades (criminosas, afetadas e heterossexualizadas) são invisibilizadas a despeito de produtos culturais mais próximos da caricatura que apresentam: em geral, são aspectos que levam o expectador ao riso sarcástico sem permitir visualizar as personagens como ‘personagens políticas; por exemplo, “Siricotico: uma Comédia do Balacobaco”, da Cia. Baiana de Patifaria, dirigida também por Fernando Guerreiro que não possui personagens não heterossexuais, ao menos declaradamente. Demonstram ainda, que a linguagem teatral é em boa medida uma arma contra a impunidade do riso sarcástico, analisado em ensaio publicado por Colling (2008). No percurso de décadas de teatro, de boa qualidade, passamos a presenciar fatos ainda não percebidos pelos praticantes dessa arte milenar. A possibilidade de romper barreiras foi aos poucos tomando o espaço que a ele era cabido, assim, todos os produtos citados nesse trabalho, em boa medida, contribuíram para um novo olhar sobre a arte e suas ramificações. Destaca-se que, ainda hoje, há uma grande luta para escrever, dirigir, encenar, ensaiar e, sobretudo, estrear um espetáculo sob as condições econômicas e sociais que vivenciamos no Brasil contemporâneo. Mas, esse não é o meu objeto, ainda que essa demanda seja latente. As representações dessas sexualidades ‘desmedidas’ e sem freios são seguramente uma das faces da teoria *queer*, que não pretende emitir uma resposta às demandas, mas uma série de questionamentos advindos da cultura de questionar o que está na sua zona de conforto sem se incomodar muito com o que está disposto por leis e normas opressivas.

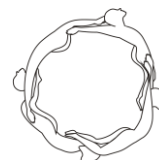


III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013

Universidade do Estado da Bahia – Campus I

Salvador - BA



GRUPO ENLACE

UNIVERSIDADE
DO ESTADO DA BAHIA

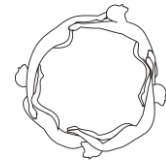
Analisando os 'produtos'



“As Lágrimas Amargas de Petra von Kant” (2003), dirigida por Elisa Mendes com adaptação realizada por Aninha Franco e encenada por nomes de peso como Rita Assemany, Vivianne Laert, Jussilene Santana, Monalisa da Fonseca, Margareth Xavier e Maria Schüller, traz um texto de uma carga melancólica ao mostrar ao expectador uma mulher amargurada, contando uma história de amor doentio entre ela, sua empregada e uma ambiciosa aspirante a modelo. Três mulheres em um ciclo de divergências em que Marlene, a empregada, serve a Petra como uma verdadeira escrava, saindo da alcunha de empregada a uma amante sem o menor “contato com sua amada”. Ela chega a ser extremamente subserviente a sua patroa, “amor”, como afirma em determinados trechos do texto. Sempre calada e observadora, prestativa e ágil, ela passa a ser a escuta ativa depois de uma repentina separação entre a sua amada e a amante dela. Petra, sempre arrogante e desnuda de uma humildade que sugere ser um sentimento nobre, ao sentir-se traída e subjugada por sua amada, por essa se permitir contatos com homens que ela mal conhece, de certo, mas também um novo contato com seu marido que deveras estaria divorciando-se, mostra-se agressiva e distribui farpas aos quatro cantos por um ‘impossível retorno’, que certamente só se dará no ímpeto de um novo contato. Já Karin, essa sim tem o poder de envolver e não se deixar vulnerável aos caprichos de Petra. Sempre altiva e com ar debochado se põe provocativa e decidida sobre o que quer.

PETRA

(Cheia de esperança.) Alô? Não, não tem nenhuma von Kant aqui. *(Desliga violentamente, se senta numa poltrona, bebe. O telefone toca de novo, Ela atende rápido. Cheia de esperança)* — Sim? Não, não, não, não. *(Desliga.)* Ah. eu te odeio, odeio, eu te odeio. Eu te odeio. Eu te odeio. Se pelo menos eu pudesse morrer. Simplesmente desaparecer. Essas dores. Eu não agüento mais. Eu... eu... não posso mais. Eu... Eu... não posso mais. Ó meu pai, que puta, putinha escrota.



Um dia você vai ver. Eu vou te liquidar. Mas te liquidar. Você vai rastejar diante de mim, putinha. Vai me lambe os pés. Oh, meu Deus, eu estou fudida. Meu Deus, o que é que eu fiz pra merecer isso? Que foi que eu fiz? (O telefone toca.) Karin? (Desliga) Mas eu te amo. Não seja tão odiosa. Karin. Oh, merda, merda! Preciso tanto de você. Chama, pelo menos, eu te imploro. Eu quero ao menos ouvir tua voz. (Chora, depois vai se servir no bar.) Mas não te custa nada, me chamar. Mas essa escrota nem está pensando nisso. É tudo calculado. Tudo. Me faz esperar porque ela sabe... Oh, é tudo tão imundo. Você me enoja. Não passa de uma prostituta nojenta. E eu te amo tanto. Te amo loucamente. Se você soubesse como dói. Ah, eu espero que um dia isso também te aconteça, a ti também, você vai ver. Tudo é muito diferente, visto do outro lado. Você é tão burra, tão... vai... acabar comendo capim. A vida podia ser tão bela, a dois. Tão bela. Você vai descobrir um dia. Mas aí será tarde. Demasiado tarde. Ouve bem – eu me vingo de você. (Tocam na porta. PETRA sai correndo.)⁴

Petra demonstra-se uma personagem autoritária, prepotente e capaz de qualquer coisa para ter as pessoas que ela deseja aos seus pés, sempre sendo subservientes e prestando a ela todas as reverências possíveis. No momento em que se vê trocada por um amor do passado, passa a explorar a face “impura” de sua amante: “PETRA: Você é uma putinha muito escrota.” Mas, ainda assim, sente que está abandonada. As personagens vivenciam uma relação de “heterossexualização” constante quando reafirmam seus “amores” junto aos entes familiares (mães, maridos, filha) ou ainda na relação construída entre as personagens (patroa/amante/empregada). Mesmo estas vivendo em um contexto histórico no qual às mulheres era vedado novas experiências no campo das sexualidades e dos gêneros.



O espetáculo *Shopping and Fucking* (2007), dirigido por Fernando Guerreiro, com texto de Mark Ravenhill e encenado por nomes como Jussilene Santana (Lulu); Rodrigo Frota (Robbie); Edvard Neto (Mark); Emiliano D'Ávila (Gray) e Celso Jr

⁴ FASSBINDER, Rainer W. *As Lágrimas Amargas de Petra von Kant*. Disponível em: www.oficinadeteatro.com p 37

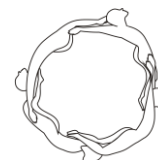


III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013

Universidade do Estado da Bahia – Campus I

Salvador - BA



GRUPO ENLACE

(Brian) esteve em cartaz num período de aproximadamente dois meses, trazendo ao público uma narrativa pautada no humor negro, na brutalidade e no drama. Os atores procuram discutir como suas experiências com o submundo das drogas refletem suas vidas ladeadas por uma atmosfera descontraída, repleta de possibilidades de amor(es), dinheiro e de muito sexo. Na adaptação de Fernando Guerreiro, as personagens deixaram de possuir seus ‘nomes originais’ sob a perspectiva de não serem rotulados e continuarem vivenciando suas experiências de amor pelo possível e também pelo não imaginável. As personagens Robbie e Mark viviam um misto de conflito e ansiedade por vivenciar as suas sexualidades de modo diferentes. Robbie tem uma postura voltada para o romantismo deixando para Mark o papel do “macho alfa” que não se compromete com nada que não seja o dinheiro. Ambas as personagens são centrais na trama já que as suas práticas sociais, quer seja no momento em que usavam drogas quer quando se amavam, falam muito de seus perfis. Embora, nesta adaptação tenham os atores o trabalho de não reproduzir os nomes delineados em montagens anteriores (evidentemente supõe-se que seja intencional), as personagens conseguem dar conta de suas reais intenções umas com as outras. Possuem práticas que os aproximam de um modelo heterossexualizado quando utilizam-se de um vestuário masculinizado, embora tenha traços que sugerem traços de sua homossexualidade. (exemplificar de que forma essa heterossexualização aparece), mas não deixando de ter um lado subversivo quando, por exemplo, propõem uma tríade amorosa com Lulu (personagem feminina construída sob os estereótipos de uma puta-chique). Possuem ainda, um vestuário adaptado para se pensar nas personagens como pertencentes a um “mundo heterossexual” e correspondente a um modelo binário de gênero, ainda que suas práticas sociais (e sexuais) estejam em desacordo com a ordem hegemônica estabelecida. Mesmo portando-se como heterossexualizadas, as personagens transgridem as normas de sexualidades e dos gêneros quando buscam, à sua maneira, outras possibilidades de vivenciar suas aventuras em grupo e também individualmente. Em um misto de violência e verdade, as personagens, em uma acalorada discussão, proferem palavras acerca de suas necessidades: “Eu não quero um amor, preciso ser propriedade de alguém, quero alguém que me foda!”, confirmando em suas falas subversivas o poder de sustentar um não respeito pelas normas, mas, em boa medida, também reiteram um papel de submissão ao “sexo forte” quando solicita um ‘alguém’ que possa subalternizá-lo, como pensa o senso comum, lembrando que ambos vivem num limite entre os

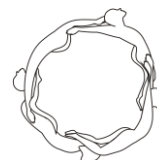


III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013

Universidade do Estado da Bahia – Campus I

Salvador - BA



GRUPO ENLACE

mundos do crime e do romantismo. Não se pode afirmar que tais personagens possuam um estereótipo feminilizado dada a sua postura individual, assim como não confirma-se que elas não estejam em um contexto heteronormativo.



O espetáculo “Ó Pai Ó”⁵ (2007), dirigido e escrito por Márcio Meireles em conjunto com o Bando de Teatro Olodum, desenvolve uma história em torno de alguns habitantes do Pelourinho. Os velhos personagens de “Essa é Nossa Praia” (primeiro espetáculo do grupo) voltam ao palco, agora acompanhados de novos tipos. O ambiente é um cortiço onde se instalam uma loja, um bar e algumas famílias. Nesta montagem se discute problemas como o modismo da benção, a questão do extermínio de menores, discriminação, pobreza, exploração, dentre outros temas, como pode ser percebido na visão de Silva (2010), quando afirma que:

A peça *Ó Pai, Ó* é então, o grito dos excluídos, daqueles que foram colocados a margem, daqueles que não foram inseridos nesta transformação ocorrida no Pelourinho, na visão de Márcio Meireles. Foi uma forma de protestar e dar essa visão, aos moradores do Pelourinho. Encenado em palco, provavelmente com uma montagem e cenários rústicos, contava com pouco espaço para mostrar ou fazer uma alusão ao verdadeiro tratado do que vem a ser a peça como registro histórico da questão do Pelourinho. Embora no palco o cenário da peça se restringisse ao cortiço, que abrigava ao mesmo tempo os moradores, a loja de seu Jerônimo e o bar de Neusão, a peça apontava para os problemas que estavam fora do cortiço: a intervenção do governo no Pelourinho, a questão do racismo, etc.⁶

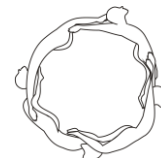
⁵ Ó Pai Ó esteve em cartaz, com bastante aceitação de público, na década de 90 (entre 1990 e 1994) sendo remontada no ano aqui analisado.

⁶ SILVA, Petrónio J.D. **O pai ó: em busca de uma rota discursiva - uma produção orientada para a transmediação**. 2010. Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2010 p 20 .



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

Dentre os temas supracitados a sexualidade aqui também é representada, muito bem inclusive, por duas personagens não heterossexuais que denotam toda (ou parte) da irreverência do povo baiano que vivia em torno do Pelourinho. Uma delas é Iolanda (Amós Heber), travesti desajustada, cheia de tiques e trejeitos, irreverente e histérica, obstinada. É a “perfeita” representação da personagem afetada: utiliza-se de adereços femininos e roupas curtíssimas que deixam o seu corpo à mostra e não tem uma profissão definida. Entretanto, faz a diferença quando se relaciona com um “homem casado”, ofuscando uma relação heterossexual e deixando subentendida uma relação erotizada e bem resolvida com aquele que ela prediz como seu parceiro. O título da peça foi adotado também para o filme homônimo. A outra personagem é uma lésbica bem masculinizada conhecida como Neusão (Telma Souza): cheia de gírias típicas do centro histórico, principalmente por lidar no seu cotidiano com os frequentadores do bar onde é proprietária, ela é agressiva, com trejeitos bem masculinizados, vestes e acessórios masculinos e sempre com voz rouca (o oposto de Iolanda). Ambas as personagens tem grande destaque, sobretudo por interagir com todos os núcleos da trama e evidenciam as suas orientações desde a primeira aparição de ambas. São vistas como personagens de comportamento *camp* (personagens em geral, dotados de características que vão do percebido como comum ao exagero), envoltas no drama de modo decorrido, pertencentes à classe média baixa, sendo ambas negras. Essas duas personagens possuem características “aceitas” socialmente e são, em geral, comunicativas. Neusão tem um temperamento, explosivo, mas contornável e Iolanda transmite a imagem de ‘eu sou uma menina indefesa, mas não mexa comigo não’, típica das travestis que se criaram na região do Pelourinho. As personagens, em boa medida, têm em suas representações características do comportamento *camp*, proporcionando uma linha de debate sobre suas performatividades, contribuindo assim para a ampliação dos discursos/debates sobre as temáticas lésbicas e travestis.

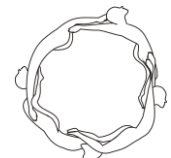


“Guilda” (2007), dirigida por Marcelo Souza Brito, com texto de Bertho Filho, mostra o poder da irreverência no comportamento sexual. Esteve em cartaz em um período longo, (duas temporadas no Teatro Vila Velha) e retornando aos palcos do Teatro XVIII no ano seguinte. Este produto se mostra intrigante, pois promove a junção entre a performance e o poder dos atores, que interagem entre esquetes teatrais e a musicalidade, fazendo assim a simbiose perfeita entre esses dois elementos mágicos: a arte de representar e o dom de interpretar. As personagens desta peça estão cercadas por um misto de representação híbrida que não permite ao expectador perceber um “rótulo” homossexual, travesti, lésbico, intersexual etc., mas a junção de todos esses modelos, citados em todas as personagens. Como afirma Marcelo, premiado no Braskem de Teatro na Categoria Revelação: “As personagens não são apenas uma coisa ou outra, mas apresentam nuances dos dois”. Corrobora-se, desse modo, com as palavras de Louro (2004:19), no que tange à dualidade das personagens na sua “zona de transgressão e subversão”. O figurino do espetáculo, assinado por Silverino Oju, vai desde a utilização de peças de lingerie até botas coloridas passando pelo boá cor-de-prata (ou cor-de-rosa) até ataduras. As personagens não fazem referência às suas condições socioeconômicas e se quer às suas posições sociais. Mas é importante comentar o poder de subversão que todas elas refletem a partir dos estereótipos de sexualidade e dos gêneros sendo “quebrados” por corpos que negam-se a calar diante das imposições de uma sociedade alicerçada pelo capital simbólico das compulsorialidades e normatividades heterossexistas.



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE



“Pólvora e Poesia” (2010), realizado sob a direção de Fernando Guerreiro e autoria de Alcides Nogueira, reúne elementos marcantes da arte poética, aliás, profissão de ambas as personagens. Esse produto nos remete ao final do século XX, época em que a sexualidade ainda não era muito bem discutida. Já que a trajetória de cada personagem é traçada em planos diferentes, mas que entrecruzam-se diante da possibilidade de um amor que por mais que seja verdadeiro jamais poderá ser vivenciado. Assim é o ponto de vista de Paul Verlaine (Caio Rodrigo), um homem boêmio, de vida muito atribulada e cheia de escândalos. Um jovem homem com espírito de velho como referiu o ator Caio Rodrigo em entrevista ao Jornal A Tarde, em ocasião da primeira temporada do espetáculo. Entretanto, constituiu casamento, o que não o impediu de retornar à vida boemia e assim conhecer aquele que seria o início do seu fim. Ora, se Verlaine vivia esse inferno pessoal, Arthur Rimbaud jamais se permitiria.

"Não vos posso dar uma morada, por que ignoro onde estarei pessoalmente nos próximos tempos, porque caminhos andarei, e por onde, e por quê, e como!" (Rimbaud aos seus, Aden, 5 de Maio de 1884) era assim que o poeta vivia a sua “medíocre” e livre vida, sem se preocupar com regras e leis. Apesar de exímio poeta, a sua desregrada vida era sinônimo de “peregrinação”. Vivia viajando de um canto a outro, até ser acolhido por Verlaine em sua casa, onde mesmo com as desavenças ainda residia uma mulher, a sua mulher/esposa. E depois de algumas carícias entre os dois poetas, o sentimento de posse aflora e Verlaine defere dois tiros em seu amante, o que o traz à condição de réu.

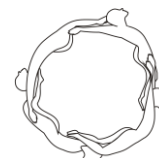


O Melhor do Homem (2010), escrita pela americana Carlota Zimmerman (1986), remontada pela Companhia Ateliê Voador sob a direção de Djalma Thürler, traz à tona a vida de dois presidiários que dividem a mesma cela e interagem sempre no sentido de proporcionar um ao outro uma relação homoerótica, praticando jogos “sexuais”. Segundo a autora, essa relação serve de palco para mostrar o que o homem tem de melhor e pior. Dean foi garoto de programa, o que, possivelmente, permite a ele um trânsito entre as identidades masculina e feminina com muita astúcia. Ele utiliza-se de adereços femininos e masculinos com a maior “naturalidade”, trazendo ao jogo um “quê” de poder sobre Skyler. Performa uma travesti, (utilizando-se para isso shorts curtíssimos, pés elevados como se usasse salto, maquiagem exagerada) a fim de satisfazer o seu cliente/parceiro. Mas também se permite viver um senhor distinto (de camiseta abotoada, motorizado) em sua busca incessante pelo prazer com um michê (denominação utilizada para se referir aos garotos de programa). O personagem é sutil e por vezes sarcástico, usuário de heroína, imputa culpa aos demais, sobretudo ao companheiro de cela. Dean não evidencia sentimentos por quem quer que seja, talvez por esse motivo precise tanto de um toque afetuoso de seu parceiro. Sobre Skyler, pouco se sabe: é um homem, na maioria das vezes, arredio, rude, sempre retraído nos jogos sexuais, aos quais renuncia quando neles exercerá o papel socialmente instituído ao mundo feminino, como o de desempenhar a posição de passivo na relação sexual. Tem um temperamento instável, ora quer Dean junto dele, ora o repele como a um “cão sarnento”; é volúvel no sentimento em relação a Dean, por vezes querendo até saber da vida que ele tinha enquanto michê. Seu vestuário é sempre o mais másculo possível e suas atitudes são brutas em relação ao “parceiro” de cela: mesmo com as súplicas de



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

Dean, em seu objetivo de revelar o quanto o ama, Skyler se mostra irredutível, só assumindo o seu amor por Dean, no momento em que o assassina.

“Pólvora e Poesia” (2010) e “O Melhor do Homem” (2010) retratam o “impossível amor entre iguais”, que do ponto de vista cético destina-se sempre a um trágico fim. A morte de uma parte amada seguida da morte social da outra (se é que ela tem uma vida social). Sob esse aspecto, percebe-se a linha tênue que há entre a homossexualidade das personagens e o crime. Mas é necessário que seja dessa forma? Não há, na relação entre esses artistas e presidiários a possibilidade de um recomeço, não um recomeço na vida, mas um recomeço no amor? Na forma de amar? A dúvida é o tempero dessas duas relações. Ora, deve-se sempre a uma sociedade cujo gênero é normativo. O que é “normal” em uma sociedade, na qual tantos dispositivos de poder operam para uma possível sexualidade sobrepor tantas outras?

CONSIDERANDO QUE UMA MUDANÇA É POSSÍVEL

Parafraseando Butler, as personagens analisadas neste artigo, assim como as demais pessoas que vivem em sociedade, vivenciam os seus gêneros performativos pautados em binarismos (heterossexual/homossexual; homem/mulher; gênero/sexo), que precisam ser problematizados em seu caráter essencialista, com o intuito de desestabilizar o “poder heteronormativo” que impera sobre todas as esferas da vida social, sobretudo nas relações de poder. Butler também constata que “os corpos não se conformam nunca, completamente às normas pelas quais sua materialização é imposta” (1999, p.54 *apud* Louro, 2004, p 20). Provavelmente algumas pessoas que viram os produtos culturais analisados ficaram se questionando sobre as suas crenças e valores. Isso porque os produtos são intrigantes e tocam na intimidade de papéis tão bem definidos e, ao mesmo tempo, tão mutáveis.

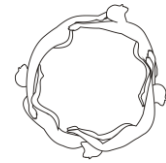
Claro que em oito anos tivemos diferentes tipos de representação no teatro baiano. As personagens se deixaram ler como criminosas, como enfatizo nas análises de “O melhor do Homem” e “Pólvora e Poesia”, como afetadas, como verifico em “Ó Paí Ó” e também heterossexualizadas, como menciono em “As Lágrimas Amargas de Petra von Kant”. Embora a arte subversiva de Guilda e sua rádio e o estilo peculiar de Shopping and Fucking trate das questões de sexualidade e dos gêneros, essas últimas, por serem inusitadas aos olhos do público, têm um papel importante na desconstrução



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013

Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



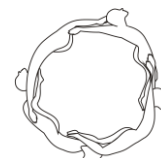
GRUPO ENLACE

das hegemonias no campo dos gêneros. Poderíamos pensar em categorias mais voltadas para o hibridismo, sobretudo nas relações humanas, como sugere o texto de “Guilda”, ou ainda remetendo-se a “comprar e foder” um poliamor capaz de dar conta das sexualidades e dos gêneros “ininteligíveis” aos olhos daqueles que pensam as homossexualidades, bissexualidades, lesbianidades, transexualidades como corpos simplesmente abjetos. Através de suas performances, as personagens se mostraram subversivas ao problematizarem identidades de gênero e sexualidades, embora em alguns momentos tornaram-se, em boa medida, ‘escravas’ das hegemonias postas e impostas. Iolanda, por exemplo, busca uma relação próxima das hegemônicas, em contrapartida torna-se amante de um “homem casado”, reproduzindo, em boa medida, o papel da traidora em meio à família. Dean, literalmente, morre pelo amor de Skyler, enquanto Verlaine mata Rimbaud para não perder o amor subjetivo, em um contexto que as sexualidades eram assunto do âmbito privado (e nunca do público) mas ambos agiram (e reagiram) pelo amor entre “iguais”. E para não ser leviano com o papel frio de Petra, que à sua maneira também ama, mas maltrata, rememoro que ela, na sua ‘sensatez’, permite-se manipular por aquela que a faz sofrer sem se dar conta que Marlene sofre com sua rejeição. De qualquer forma, é inegável que o teatro baiano questionou as normas de sexualidade através destas personagens, tornando visíveis inúmeros LGBTTTT’s (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros), mobilizando-os para uma arte sensível e subversiva, proporcionando um projeto político: o de questionar o que permanece in“queer”stionado.



III SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES

15 a 17 de Maio de 2013
Universidade do Estado da Bahia – Campus I
Salvador - BA



GRUPO ENLACE

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero – Feminismo e subversão de identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

COLLING, Leandro. *Aquenda a metodologia! Uma proposta a partir da análise de Avental todo sujo de ovo*. Revista Bagoas, vol.2, n. 2, janeiro/junho de 2008, p. 153 a 170.

FASSBINDER, Rainer W. *As Lágrimas Amargas de Petra von Kant*. Disponível em: <http://oficinadeteatro.com/component/jdownloads/view/download/5/124>. Acessado em 23 de abril de 2013.

LOURO, Guacira Lopes (org.). *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

THÜRLER, Djalma. *Ampliação e negação do homoerotismo em O melhor do homem, de Carlota Zimmerman*. In: VI Congresso de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas. 2010.

SILVA, Petrônio J.D. *O pai ó: em busca de uma rota discursiva - uma produção orientada para a transmediação*. 2010. 108f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2010.

Blog do Bando De Teatro Olodum: <http://bandodeteatro.blogspot.com/>. Acesso em 17 de abril de 2013 .

Blog de Márcio Meireles: <http://www.marciomeirelles.com.br/site/category/blog/>. Acesso em 23/04/2012 .

Endereço consultado: <http://polvoraepoesiaba.blogspot.com/>. Acesso em 23 de abril de 2013.